

A “ANTI-AUTOBIOGRAFIA” DE PIERRE BOURDIEU

Carolina PULICI¹

Para aqueles que achavam que com *Homo Academicus* (1984) e *Meditações Pascalianas* (1997) Pierre Bourdieu (1930-2002) já havia levado ao limite a análise sociológica do mundo intelectual, esquadrinhando os princípios classificatórios e as relações de força simbólicas que atravessam o ambiente acadêmico francês, *Esboço de Auto-Análise* é sem dúvida o fecho mais coerente que se poderia esperar de uma obra que tanto criticou o fato de muitos intelectuais interrogarem o mundo e poucos intelectuais interrogarem o mundo intelectual.

Inscrito nessa vertente de sua obra marcada por uma maior reflexividade, por uma sistemática volta crítica sobre os princípios e os condicionantes do trabalho (e da condição) do intelectual, o último livro de Bourdieu publicado no Brasil se distingue, no entanto, dessas análises anteriores na medida que toma por objeto de reflexão sua própria trajetória social e acadêmica, colocando-nos diante do percurso de um autor que está, ao mesmo tempo, na condição de informante, numa iniciativa notável de mostrar que a objetivação do “jogo” intelectual não se realiza senão sob a condição de colocar em “jogo” o próprio pertencimento ao “jogo”.

A epígrafe provocativa “Isto não é uma autobiografia” anuncia, de saída, que o que será oferecido ao leitor foge, tanto pela forma quanto pelo conteúdo, àquilo que convencionalmente associamos ao gênero autobiográfico. Basta, para nos convencermos disso, atentar para a própria forma como o livro foi organizado. Em lugar de iniciar com o relato de sua situação de família, de sua trajetória de homem de origem modesta e provinciana “salvo” por um êxito escolar que beira o implausível, Bourdieu toma como ponto de partida aquilo que as obras que se valem de material biográfico tendem a manter em silêncio: o campo de posições concorrentes no qual e contra o qual cada um se fez.

Mobilizando a própria experiência acadêmica para fazer valer a proposta de trabalho que ele mesmo havia apresentado de forma exaustiva em *As Regras da Arte* (1992), empreende uma leitura de seu projeto criativo que se orienta pela indagação de como, dados uma trajetória social e o modo de ver o mundo a ela associado, pôde

¹ Doutoranda em Sociologia. USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Sociologia – Programa de Pós-Graduação em Sociologia. São Paulo – SP – Brasil. 05508-010 – carolpulici@terra.com.br

ocupar ou, então, produzir as posições oferecidas e as por fazer naquele momento do estado do campo, passando em revista as tomadas de posição potencialmente inscritas nessas posições. Não sendo, como ele mostrou n' *As Regras*, no autor tomado em estado isolado que reside o princípio explicativo da obra, seu retrospecto substituiu a questão ontológica pela questão histórica da gênese e estrutura do campo intelectual no qual se inseriu aquilo que ele quis fazer.

Dessa forma, a primeira parte do texto traça os princípios de hierarquização vigentes no campo intelectual francês dos anos 1950 tal como se mostravam a ele, então um jovem filósofo egresso da Escola Normal Superior. Nessa época em que a dominância de Jean-Paul Sartre assumia uma dimensão tanto única quanto inequívoca a carreira de filósofo, ao contrário da de sociólogo, alimentava as ambições mais desmedidas e congregava os jovens mais munidos de certeza de si, entre outros motivos por ser o receptáculo dos alunos que desde o curso preparatório para o concurso de ingresso na Escola Normal recebiam um ensino voltado a contemplar os costumeiros entusiasmos literários do universo intelectual parisiense, o qual abarcava filosofia, literatura, história, línguas antigas e modernas. Nesses universos de exceção que eram as instituições destinadas à conservação e à propagação do cânon filosófico à antiga, o mundo social tendia a ser mantido à distância, e os intelectuais imbuídos de tal formação só tomavam pé – pelo menos até 1968 – das vicissitudes do mundo real através da atividade política.

A essa evocação do “espaço dos possíveis filosóficos” – com suas correntes dominantes, como o existencialismo, e, ao contrário, aquelas mantidas em surdina – segue-se um mapeamento de quais eram as disciplinas e as modalidades de trabalho intelectual mais valorizadas e, no interior de uma mesma disciplina, quais os aparatos conceituais e as temáticas de maior prestígio. Nesse momento já se anunciam os vínculos entre os modelos de excelência intelectual e os diferentes *habitus* de classe, uma vez que o “espaço dos possíveis” se encarnava em indivíduos de carne e osso que exerciam uma repulsão ou uma atração tanto devido ao seu peso no campo como em função da maior ou menor afinidade de *habitus*, da maior ou menor afeição pela sua obra e também pela sua pessoa. Nessa linha de juízo, não só o pensamento puro e sem vestígios tal como se apresenta à posteridade mas a pessoa em sua totalidade, com seu corpo, suas maneiras, seu sotaque, suas ligações e seus amores constituíam, nas palavras do autor, “[...] um dos princípios de tantas eleições intelectuais, as quais permanecem de todo obscuras e por vezes vividas como inexplicáveis, pelo fato de mobilizarem os dois *habitus* envolvidos.” (BOURDIEU, 2005, p.56).

Não admira, assim, que ele, que nunca pôde se sentir inteiramente à vontade em meio à elite intelectual francesa, tenha tido em Georges Canguilhem um modelo para viver a vida acadêmica de outro jeito, especialmente quando se tem em vista

que esse estudioso de história das ciências e epistemologia (num período em que era difícil resistir ao existencialismo) era também e inseparavelmente um professor de origem popular e de forte sotaque provinciano, que nunca posava de filósofo e não pertencia por completo ao mundo intelectual parisiense, sendo, assim, a antítese quase perfeita de Sartre, encarnação do “intelectual total” e livre de quaisquer constrangimentos.

A transferência da filosofia – “disciplina-rainha” nos anos 1950 – para a etnologia e, finalmente, a sociologia – “ciência-plebéia” – é abordada de forma mais detida na segunda parte do livro, quando são evocadas as experiências intelectuais e pessoais decisivas nesse “deslocamento negativo nas hierarquias” (BOURDIEU, 2005, p.88), como as pesquisas etnológicas na Argélia durante o serviço militar, em pleno período de guerra de libertação nacional, e o retorno ao mundo natal quando da pesquisa sobre o celibato dos filhos mais velhos no Béarn, sua região de origem. É nesse ponto da análise que o autor passa a nomear todos os referenciais dispostos naquele universo intelectual e acadêmico (Sartre, Aron, Canguilhem, Lévi-Strauss e Foucault), os “faróis” e, sobretudo, os contrastes, aqueles contra os quais ele se fez, reconstituindo o espaço finito de escolhas possíveis encarnado no estado das ciências sociais tal como ele o enxergava, com as revistas e as escolas com peso no jogo, as especialidades sociológicas em evidência e seus “donos”.

O trabalho de campo na Argélia e a volta ao cenário familiar original no Béarn figuram tanto como “detonadores” de sua “conversão” às ciências sociais quanto como vivências imprescindíveis à conformação do tipo de sociólogo que ele viria a ser. A propósito, os registros de uso científico de suas experiências sociais constituem os pontos altos do texto, quando o autor nos dá testemunhos inequívocos de como o vivido foi mobilizado não apenas no cumprimento bem-sucedido de tarefas de pesquisa tidas como inferiores – como a realização da entrevista com o jovem *beur* de *A Miséria do Mundo* (1993) – mas também na construção de um modelo teórico, no desencadeamento de um dos argumentos de maior impacto na sua obra, qual seja, o descobrimento das estratégias matrimoniais por detrás das regras de parentesco, retomando a relação prática do agente com o mundo e, assim, impondo restrições ao estruturalismo, que ocupava posição eminente não apenas em meio às ciências sociais:

[...] foi uma observação banal de minha mãe, a qual nem teria ouvido se não estivesse antenado – “Eles se acharam muito parentes dos Untel desde que passou a existir um politécnico na família” -, que, na época de minha pesquisa sobre o celibato, constituiu o desencadeador das reflexões que me levaram a abandonar o modelo da regra de parentesco pelo modelo da estratégia. (BOURDIEU, 2005, p.93).

Finalmente, a terceira e última parte do livro incide sobre as disposições associadas à origem social modesta e provinciana, que muito teriam contribuído para determinar suas práticas, segundo a concordância tão frequentemente identificada por ele mesmo em várias de suas pesquisas entre as inclinações dos agentes e as exigências inscritas nas posições que ocupam. Fundamentais na formação de tais disposições (“arredias” e “briguentas”, para empregar termos dele) foram as experiências de internato nos liceus de Pau e Paris, que viriam reforçar uma visão realista e combativa das relações sociais – à qual ele já estava inclinado desde a infância -, sobretudo devido à descoberta de uma diferença social em relação aos alunos “burgueses”. Assunto recorrente em vários (senão todos) livros seus – e especialmente em *La Distinction* (1979) -, a idéia de que indivíduos de uma determinada classe social se envolvem em relações simbólicas com pessoas de outras classes, transmutando diferenças de situação e condição em distinções significantes é abordada de forma tocante neste Esboço de Auto-Análise. Tocante justamente porque aí temos o autor ele próprio enredado em micro-lutas de classe que se dão a ver através de um sem número de violências “surdas”, levando-nos a pensar, inevitavelmente, no reprocessamento de sua experiência social naquilo que viria a ser, ao longo de toda a sua obra, uma de suas mais significativas obsessões temáticas. Quando discorre sobre a sucessão de experiências de vergonha social vivida no período do internato – a despeito de seu desempenho acadêmico extraordinário – Bourdieu (2005, p.122) insiste na existência “[...] de uma espécie de racismo de classe ancorado na aparência física e no sobrenome [...]” nesses universos que se dizem exclusivamente atentos ao julgamento escolar de seus alunos:

Como o rapaz que se tornou meu principal rival nas classes terminais, filho de uma funcionária nos subúrbios de Pau mas muito próximo, por conta do escotismo, dos filhos dos professores primários ou dos médicos da cidade de quem imitava os modos e o sotaque hipercorreto, e magoava-me fundo ao pronunciar meu sobrenome à maneira dos camponeses da região ou ao escarnecer do nome de meu vilarejo, símbolo de todo atraso rural. (Muito mais tarde, reencontrei na turma preparatória do liceu Louis-le-Grand a mesma fronteira entre os internos, provincianos barbudos com macacões cinzentos amarrados na cintura por um cordão, e os externos parisienses, caracterizados tanto pela elegância burguesa de sua estampa como pelas pretensões literárias de suas produções escolares, desde então concebidas como criações de escritores. Esses traços causavam forte impressão a um professor de francês de modesta origem provinciana, sequioso de reconhecimento intelectual. Pensando nisso, fico chocado com o papel então desempenhado, quer junto aos colegas, quer junto aos professores, pelas aparências físicas e pela indumentária enquanto supostos indicadores de propriedades

intelectuais e morais, tanto na vida cotidiana como por ocasião dos exames). (BOURDIEU, 2005, p.122).

Essa defasagem bastante acentuada entre uma elevada consagração escolar e uma baixa extração social lançou-lhe desde cedo numa experiência dual, conformadora de um “habitus clivado” que é típico dos que vivem prensados entre dois universos de valores inconciliáveis, o que acabou por gerar uma relação consigo mesmo igualmente ambivalente: de um lado, a modéstia ligada à insegurança do *parvenu* filho de seu esforço e, de outro, a altivez, “[...] a segurança do ‘miraculado’ propenso a vivenciar a si mesmo como ‘milagroso’ e tendente a desafiar os dominantes em seu próprio terreno.” (BOURDIEU, 2005, p.125).

Em meio ao universo socialmente homogêneo que era a aristocracia escolar universalmente reconhecida dos formados nos *khâgnes* e futuros normalistas, essa trajetória social que tão fortemente o singularizava esteve, a seu ver, não apenas na raiz da transição para a sociologia, então relegada a uma posição dominada no campo universitário, como no cerne do estilo próprio da sua pesquisa, ao mesmo tempo modesto e ambicioso, tendente a investir consideráveis ambições teóricas em objetos empíricos por assim dizer triviais:

Talvez nesse caso o fato de sair das “classes” que alguns gostam de chamar “modestas” proporcione virtudes não ensinadas pelos manuais de metodologia: a ausência de qualquer desprezo pelas minúcias da empiria, a atenção aos objetos humildes, a recusa das rupturas tonitruantes e dos rompantes espetaculares, o aristocratismo da discrição conducente ao desprezo do brio e do brilho recompensados pela instituição escolar e hoje pelos meios de comunicação. (BOURDIEU, 2005, p.126).

Como se vê várias são as chaves de leitura desse livro (de sociologia) de enorme fôlego e, por isso mesmo, passível de inesgotáveis apropriações. Mas por onde quer que se explore a obra, a motivação primordial do autor faz-se onipresente: trata-se de mobilizar momentos de sua vida e do estado do campo intelectual no qual e contra o qual ele se fez para testar o próprio método, num esforço contundente de mostrar que as dificuldades a vencer na análise sociológica do mundo acadêmico são **menos obstáculos intelectuais que resistências da vontade**. E é por isso que Esboço de Auto-Análise se impõe, por fim, como um poderoso e entusiasmado programa de sociologia dos intelectuais, esse empreendimento de objetivação científica desde sempre exposto a resistências de toda ordem posto que, como bem sabia o autor, toda objetivação implica sempre e invariavelmente uma forma de dessacralização. E no mundo dos que pensam produzir o sagrado inefável e isento de toda determinação o golpe de força simbólico pode ser fatal.

BOURDIEU, P. **Esboço de auto-análise**. Tradução, introdução, cronologia e notas de Sergio Miceli. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 140 p.